

---

# Ana Luísa Amaral

diz que

## a literatura nos faz melhores pessoas

Esta poetisa era ainda muito nova quando teve de se mudar de Sintra, perto de Lisboa, para Leça da Palmeira, que fica mesmo ao pé do Porto, e adaptar-se a um sítio novo, onde até os nomes das brincadeiras eram diferentes! Não foi fácil no início, mas com o tempo ficou a gostar tanto do sítio, que ainda hoje lá vive, numa casa com alguns bichos, como uma cadela com nome de escritora (Emily Dickinson), e uma gata Papoila que se tornou personagem de histórias...

**Nasceu em Lisboa, mas mudou-se muito cedo para o Norte; lembra-se de quais eram as suas brincadeiras preferidas nessa altura?**

Lembro-me muito bem e até do choque que foi mudar de brincadeiras. Nasci em Lisboa, mas vivi em Sintra até aos 9 anos e depois mudei-me para o Porto, para Leça da Palmeira (no fundo, dois lugares perto das grandes cidades, mas de alguma forma fora delas). Lembro-me de os nomes dos jogos mudarem. Por exemplo, o «aeroplano», aquele jogo em que os miúdos fazem o desenho de um avião no chão e atiram uma pedrinha para a frente, aqui no Norte chama-se «jogo da macaca» (não gostava nada do nome quando para cá vim). E ainda um jogo em que brincava quando criança em Sintra (não sei como se chama), que era uma canção de roda:

«Ó Lourenço, ó Lourenço, onde cai o lenço?», as meninas davam as mãos (o colégio em que andava não era misto), havia uma que deixava cair um lenço, era uma brincadeira muito suave. Quando chego



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

ao Norte, a Leça da Palmeira, apanho um jogo, o «mata», em que há três jogadores a passar a bola entre si, a bola não pode cair e à terceira vez é atirada para as costas de um dos jogadores e diz-se «mata» – eu era normalmente a vítima, diziam «mata a lisboeta». Aquilo foi para mim um choque muito grande, custou-me muito a habituar ao Norte (depois habituei-me e comecei a amá-lo).

### Que livros a fizeram gostar de ler?

A minha mãe ensinava-me poemas quando eu era pequena. O primeiro poema que decorei tinha cinco anos e meio (não sabia ler ainda), foi «O passeio de Santo António», de Augusto Gil. Portanto, o encantamento com as palavras surgiu muito cedo. O primeiro livro de que me lembro é *O Soldadinho de Chumbo*, que a minha mãe me comprou, e que teve de ir trocar (e, mais tarde, também ao *O Patinho Feio*), porque eu chorei tanto, tanto – foi um choque tão grande saber que o soldadinho de chumbo tinha ido parar à lareira e derretido... Lembro-me desses primeiros livros para crianças, e também de algumas coisas que os meus pais tinham em casa (a minha avó até tinha mais)... Lembro-me de, quando muito pequena (com sete ou oito anos), ler bocados do *Amor de Perdição*. Lembro-me muito bem do David Crockett, dos *Contos de Alhambra* (de Washington Irving) e do *Zorro*. O *Zorro* era uma revista semanal por fascículos, ou seja, as histórias transitavam de uma semana para a outra. Eram seleções, naturalmente, não eram as histórias completas, mas li assim, por exemplo, Alexandre Dumas, e contactei com bandas desenhadas como *Lucky Luke* (ele na altura tinha cigarro, ainda não o tinham substituído pela palhinha), ou o *Tintin*. Um bocadinho mais tarde, já com oito anos e meio mas ainda em Sintra, lembro-me de ler *A Menina do Mar*, da Sophia de Mello Breyner Andresen. Mas o livro mais importante para mim, que me impressionou muitíssimo e de que soube (e ainda sei) partes de cor, foi *O Cavaleiro da Dinamarca*, também da Sophia – esse li com nove anos e meio, já no colégio de freiras aqui no Norte. Achei aquilo tão bonito, tão bonito... Sentia-me o cavaleiro da Dinamarca, chorei com o final do livro... Senti mesmo aquilo no meu corpo, foi uma coisa muito forte.

### Gosta mais de contar histórias em verso ou em prosa?

Tanto faz; às vezes sai em verso, às vezes sai em prosa... Confesso que me é mais fácil em verso, muito mais, porque o verso me está mais próximo. Mas, por exemplo, as primeiras histórias que publiquei estão no *Gaspar, o Dedo Diferente* e *Outras Histórias*, que escrevi em prosa (depois *A História da Aranha Leopoldina* foi em verso...). Acho que me divirto mais se escrever em verso do que se escrever em prosa, mas é um prazer muito grande escrever para crianças, gosto muito! Custa-me dizer exatamente o que prefiro, são coisas diferentes. Só quero acrescentar que acho que a própria prosa é musical, quero dizer, sei que sigo ali uma cadência ou ritmo qualquer, mesmo quando escrevo em prosa. Não digo que pudesse ser partido e transformar-se em verso, mas há uma música, não está tão longe assim da musicalidade do que está escrito em verso.

### Escreveu a história da aranha Leopoldina, mas também a de um dedo indicador, o Gaspar, ou a da formiga Sebastiana... Gosta mais de ter personagens pequeninas a protagonizar as suas histórias para crianças?

Nunca pensei nisso; já nem me lembrava da formiga Sebastiana! Essa personagem foi dita e escrita para que a minha filha comesse a papa. Mudar do leite para a papa foi uma complicação: punha-lhe uma

colher na boca e era um chuveiro de papa por todos os lados... Lembro-me de lhe cantar, que isto tem música feita por mim (horrível, porque não sei fazer música, nem martelinhos sei tocar). A música é mais ou menos assim (coitadinha da criança, por isso é que ela não comia a papa...):

Era uma vez uma formiga azul  
De antenas pequeninas e bem feitas  
Tinha patinhas frágeis e bonitas  
E um ar inteligente

E entretanto ia dando colheres de papa... Foi assim que a formiga Sebastiana nasceu (já nem me lembrava que se chamava assim, é curioso, e fui eu que lhe chamei Sebastiana, claro). Essa formiga transita para «Uma história de sol», para esse poema sobre a formiga azul e agora para um livro novo, *Lengalenga de Lena, a Hiena*, que ainda não saiu. Não sei se tenho mais prazer com o pequenino. A Hiena desta lengalenga, por exemplo, não é exatamente uma coisa pequena... É a história de uma hiena que quer voltar para a savana (vive, coitada, no meu telhado) e é salva por uma girafa – a girafa, claro, consegue ultrapassar o 3º andar, porque tem uma cabeça muito alta, a hiena salta-lhe para cima e lá vão as duas... Acho que talvez seja mais o insólito que me encanta; isso não é novo – nas fábulas as formigas falam, tudo é possível. O que é extraordinário na literatura (mas talvez até mais na poesia) é que posso pôr um papagaio a falar na primeira pessoa, se me apetecer. O Gaspar, a aranha Leopoldina, que também é um bicho pequenino, ou a formiga... Essas personagens também têm ao lado a hiena, a girafa, um crocodilo (tenho um crocodilo galego chamado Júlio)... Penso que é mais o facto de serem diferentes, de serem animais, criaturas como nós. É essa capacidade de beleza e de imaginação que é suscitada por tudo aquilo que existe à nossa volta, no mundo.

### E a gata Papoila d'«Uma história de espelhos»?

A gata Papoila existe; tenho uma gata que se chama Papoila e se vê ao espelho todos os dias (geralmente à noite). É uma gata muito bonita, completamente normal (um «europeu comum» listrado), como todos os animais cá em casa (nenhum deles é de raça). A Papoila vê-se mesmo ao espelho; ela não aparece aqui porque é um bocadinho tímida, mas se aparecesse era menina para se pôr a ver ao espelho. Como é que estas coisas surgem não sei, é inexplicável. Propuseram-me escrever um conto com fadas, príncipes ou piratas com problemas. Como é que isto faz com que eu comece a escrever sobre a Papoila, não sei, não foi pensado; lembrei-me de repente. Pertencem ao reino da imaginação tanto os príncipes, como as princesas, fadas e piratas, e eu acho que aquilo que a minha gata faz todos os dias é uma coisa extraordinária; um gato que se vê ao espelho não é muito comum. Portanto, a Papoila existe e vê-se ao espelho; o que ela vê não sei, só posso imaginar; sei lá se ela não vê piratas e fadas e tudo isso. Nós, seres humanos, também vemos por dentro muitas coisas, imaginamos.

### O que é que é mais difícil: escrever para crianças ou escrever para adultos?

Sinceramente não sei dizer o que é mais difícil – eu escrevo. Escrevo porque preciso, sempre escrevi desde que o soube fazer. Quando escrevo para crianças não me auto-vigio, não penso assim: «Agora vou pôr aqui esta palavra porque uma criança não percebe aquela...», não penso nisso, escrevo. Talvez a grande diferença é que a escrita para crianças não tem a ver com a dificuldade – não é mais fácil ou difícil do que escrever para adultos –, tem somente a ver com o que é que eu sinto quando escrevo

.....

para crianças ou para adultos. Quando escrevo para crianças sinto um imenso prazer e divirto-me muito, é muito bom, é como se me pusesse na pele de uma criança e rio-me sozinha a escrever para crianças, acho graça àquilo que escrevo. À medida que vou escrevendo, vou fruindo, vou-me encantando com a forma como as palavras vão surgindo umas atrás das outras. A outra escrita – que eu não digo que seja melhor nem pior, sinceramente, para mim há só escrita, poesia, contos, e a literatura para a infância é literatura a meu ver, acho um disparate que por vezes seja desvalorizada porque é para a infância –, os outros livros de poesia que escrevo geram-me também muita angústia. Não é só prazer. Exceto com um ou outro poema – como «Inês e Pedro 40 anos depois», que me diverti imenso a escrever –, é raro rir-me com os meus poemas. Com as crianças deixo-me embalar e acho que tenho às vezes um olhar um bocadinho infantil sobre as coisas; isso não é mau nem bom, é uma característica, mas espero bem não a perder.

### Que importância têm para si as palavras?

Toda. Há quem diga que mais importantes que as palavras são os atos. É verdade, mas – e nós sabemos-lo bem – as palavras podem matar e podem salvar. Acho que as palavras têm toda a importância. É por elas que comunicamos, é com elas que me aproximo dos outros. Ao mesmo tempo, elas são de uma fragilidade extrema – elas nunca chegam. Sendo profundamente poderosas, elas são também extremamente frágeis. Eu não consigo nunca, através das palavras, transmitir exatamente aquilo que sinto (ninguém consegue), pelo que a linguagem é sempre uma falha. Eu acho que até se escreve por isso, estou em crer que é isso: precisamente porque há imperfeição, e porque as palavras são imperfeitas, é que insistimos tanto nas palavras.

### Porque é que é importante gostar de ler?

Em primeiro lugar porque a leitura cria mundos, permite exercitar o que é absolutamente fundamental para o ser humano – a imaginação. Nós somos seres para a imaginação, para a criação. Quero dizer: a literatura em si não serve para nada de facto, não cria uma mesa, não planta um campo, não constrói uma casa. Ao mesmo tempo, a literatura é absolutamente fundamental, porque nos torna próximos uns dos outros e nos faz – eu acredito – melhores pessoas, melhores seres. Uma vez fiz uma experiência numa escola, a propósito precisamente da aranha Leopoldina, porque um menino me fez uma pergunta desse género «porque é que é importante ler?». Os alunos tinham lido e trabalhado *A História da Aranha Leopoldina* durante o semestre. Eram muitos (cerca de 80) e eu perguntei ao que estava mais próximo: «Como é que é a aranha Leopoldina?» Ele descreveu-a, «e de que tamanho é?», perguntei eu, e ele respondeu que era pequena, cabia na palma da sua mão. Os de trás não conseguiam ver, pelo que perguntei a um dos que estava atrás: «Então de que tamanho é a aranha Leopoldina?», e ele respondeu abrindo um pouco os braços. Depois perguntei o mesmo a um que estava no canto, e esse foi muito engraçado, porque dizia «É grandel!», com a mão ao pé da cabeça. Ou seja, não há uma aranha Leopoldina única. Eu acho que a leitura faz isso: permite-nos imaginar; criar mundos por dentro; é uma companhia, os livros são sempre uma companhia extraordinária.

Ao aprender a ler e ao aprender palavras e modelos de escrita, podemos também falar melhor e articular-nos melhor relativamente ao mundo – e isso permite-nos um poder fundamental, e que acho que se está a perder, o poder de contestação, que é importantíssimo. É importante as pessoas poderem

.....

contestar e inclusivamente desafiar, de uma forma pacífica, as injustiças. Isto é-nos permitido pela palavra, por exemplo, mas para isso tenho de ler, tenho de saber lidar muito bem com a palavra. Para lidar muito bem com a palavra tenho de a conhecer, e para a conhecer a única forma que tenho é lendo-a – é falando-a, obviamente, mas também lendo-a, tendo bons modelos. Esse é um dos lados. O outro lado é que a palavra me permite saltar para um outro patamar que é esse da criação, da imaginação e de uma evasão produtiva, boa, porque a palavra e a leitura podem ser também fontes de paixão e de bondade. ■